

A RELIGIÃO PARA ALÉM DA CONTINGÊNCIA HUMANA EM JEAN PAUL SARTRE

PAULO ROBERTO DE OLIVEIRA ¹

RESUMO:

O filósofo e escritor francês Jean Paul Sartre, nos seus escritos filosóficos, nunca se interessou em escrever sobre Deus de maneira incisiva e central; porém, sua filosofia tida como existencialista pressupõe, através de uma lógica coerente, a não existência de Deus. Portanto, esse artigo consiste em abordar e abstrair dos escritos sartreanos a problemática divina e religiosa, com o intuito de mostrar que a religião está para além da realidade humana que se caracteriza pela contingência.

PALAVRAS-CHAVE: Contingência. Deus. Existência. Liberdade. Religião.

ABSTRACT:

The French philosopher and writer Jean Paul Sartre in his philosophical writings was never interested in writing about God incisively and central, however, seen as existentialist philosophy presupposes a consistent logic through the not existence of God. So this article is to address and abstract of the problematic writings sartreanos and religious, in order to show that religion is beyond human reality that is characterized by contingency.

KEYWORDS: Contingency. God. Existence. Freedom. Religion.

¹ Aluno e Pesquisador do programa de pós-graduação/Mestrado em Filosofia na área de ética da FAJE, bolsista da CAPES. E- mail: vocacionadopaulo@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

O filósofo francês Jean Paul Sartre não foi apenas um homem dedicado a escrever filosofia sistemática em seu escritório. Foi também um intelectual, escreveu ensaios, romances e peças de teatro. Foi uma pessoa engajada nos movimentos sociais, consequência de sua vivência no campo de concentração.

Considerado o fundador do existencialismo radical, em sua obra “O ser e o nada” não desenvolveu a ideia de Deus e do problema religioso; mas há, em sua obra, uma afirmação sobre a liberdade humana, onde desde Heidegger o homem é construtor do seu futuro, sem desculpas, sem nenhum sentido, *a priori*, divino. Dessa forma, o existencialismo de Sartre está inteiramente estruturado no fato de que a existência humana precede sua essência, e esta é construída através da liberdade responsável que o homem manifesta ao escolher sua própria vida. Nada, nem mesmo Deus, pode justificar o homem ou retirá-lo de sua liberdade total e absoluta, ou ainda salvá-lo de si mesmo.

Os filósofos modernos fazem críticas à religião, mas conservam a existência de Deus ou pelo menos falam que não podemos nem afirmar e nem negar a sua existência. Parece uma evolução gradativa que vai desde a crítica da religião até chegar ao ateísmo contemporâneo, onde se nega Deus para afirmar o homem – temos o exemplo da filosofia de Feuerbach sobre essa questão.

No entanto, parece que nenhum deles fundamentou a não existência de Deus sobre uma perspectiva metafísica, porém essa metafísica sartreana é puramente existencial: “ensaio de ontologia fenomenológica”, na qual percebemos que a não existência de Deus é intuída e não fundamentada. Todo o existencialismo de Sartre implica a não existência de qualquer elemento transcendente; a existência de Deus é fruto de uma psicologia existencial, que extrapola a contingência humana.

1.1 A Constituição do Ser: a condição do homem no mundo

Como disse, devemos partir da análise do ser para analisarmos a condição da não existência de Deus. O homem é constituído de duas formas: facticidade e

contingência. A seguir, veremos brevemente como Sartre articula essa questão, criticando diversos autores modernos.

Por que este ser é assim, e não de outro modo? Sartre logo responde: “*é na medida em que existe nele algo do qual não é fundamento: sua presença no mundo*”¹. Nessa passagem, Sartre deixa claro que o homem não é fundamento do seu ser, por isso mesmo ele começa a procurar esse fundamento, pois é um ser que possui consciência de si, é um para si.

Ao procurar o seu fundamento, o homem tende a pensar um ser perfeito como fez Descartes: “*o sentido muito claro de que o ser que possui em si a idéia de perfeição não pode ser seu próprio fundamento, pois, se o fosse, teria se produzido em conformidade com essa idéia*”². Com esse argumento, Sartre quer combater o substancialismo cartesiano. Para Sartre, o homem não explica o seu ser, pois é contingente. Por causa disso é que Descartes precisou colocar Deus no sistema, para que este pudesse ser completado.

Segundo Sartre, Leibniz e Kant mostraram o problema do conhecimento, não do ser; a passagem do possível ao necessário. Deus é necessário, uma necessidade lógica, não do ser.

Na passagem a seguir, Sartre fala sobre a contingência da existência:

Mas a possibilidade também pode nos aparecer como estrutura ontológica do real: aí, então, pertence a certos seres como sua possibilidade, é a possibilidade que eles são, que têm de ser. Nesse caso o ser mantém no ser suas próprias possibilidades, é o fundamento dessas possibilidades, e, assim, não cabe de derivar de sua possibilidade a necessidade do ser. Em uma palavra: Deus, se existe, é contingente³.

A busca para encontrar um fundamento real para o ser tem a ver com valor, conhecimento lógico, não um fato real. A busca pelo sentido do ser leva o homem ao nada. O para-si nadifica o em-si, torna-se para si o nada como fundamento do ser. Em outras

¹ SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010, p. 129.

² IBID, p. 130.

³ IBID, P.131.

passagens, Sartre diz que é pelo homem que o nada vem ao mundo. Encontrado o fundamento do ser, temos um problema: com esse fundamento, o ser deixa de ser contingente? Sartre responde:

Segue-se que este Em-si, tragado e nadificado no acontecimento absoluto que é a aparição do fundamento ou o surgimento do Para-si, permanece no âmago do Para-si como sua contingência original. A consciência é seu próprio fundamento, mas continua contingente o existir de uma consciência em vez de puro e simples Em-si ao infinito. O para si é contingente em seu próprio ser⁴.

A totalidade é inatingível; quando estamos com sede, não temos a consciência de sede, pois a sede é inatingível; por isso que a existência humana é uma paixão inútil, marcada pelo nada. O em-si e o para-si são constituídos pela contingência, abertura de possibilidades. A união do em-si com o para-si forma o ser-para-si, que é pura facticidade. A contingência perpetuamente evanescente do em-si que infesta o para-si, sem se deixar captar jamais, é o que chamaremos de facticidade do para-si. É o que faz com que eu apreenda, ao mesmo tempo, como totalmente responsável por meu ser, na medida em que sou seu fundamento, e, ao mesmo tempo, como totalidade injustificável.

A facticidade não pode me constituir como sendo burguês ou sendo operário. A facticidade é apenas uma indicação que dou a mim mesmo do ser que devo alcançar, para ser o que sou.

Essa facticidade é também marcada pela liberdade. O nada da consciência é a liberdade humana, o fundamento do ser, do seu agir. Diante dessa total liberdade, Deus deve ser excluído da consciência humana.

1.2 Liberdade e Deus

A igreja sempre pregou, em seu catecismo, que Deus nos dá o livre arbítrio – que nos é dado por ele a liberdade plena. Contudo, há um problema de sentido, pois, se Deus existe, temos, portanto, um sentido último para viver; estamos, assim, ligados

⁴ IBID, p. 132.

essencialmente em Deus; toda a nossa existência está fundamentada nele. Prova disso encontramos na sagrada escritura, por meio da qual se sabe que Adão pecou e perdeu o paraíso. A ideia de paraíso estava fundada não em Adão, mas em Deus. Sendo assim, o olhar de Deus lançou um castigo sobre Adão. Onde podemos encontrar liberdade diante dessa situação? Muitos teólogos responderão que o agir de Adão foi livre; porém, o ser de Adão não é livre, está enraizado no ser que o criou.

Vejam os que, na ideia de liberdade, é que se fundamenta o ateísmo de Sartre, onde ele não apenas nega a existência de Deus, como também diz sobre a impossibilidade de sua existência. A ideia é que, se Deus existe, o homem não é livre. Em *As Moscas*, podemos observar como o pensamento sartreano atribui à religião e à superstição um caráter anulatório da prática da liberdade.

Gagnebin comenta essa obra de Sartre dizendo que a religião e a superstição são as expressões originais do receio e da escravização humana, pois “*Le peuple sur lequel règne ce Dieu est un peuple servile et terrorisé, obsédé par ses fautes et annihilé par ses remords toujours égocentriques*”(Gagnebin, *op. cit.*, p.104; tradução livre: “o povo sobre o reinado de Deus é um povo servil e aterrorizado, obsidiado por suas faltas e anulado por seus remorsos sempre egocêntricos”).

É interessante observar que Sartre não está no medievo e nem na modernidade, mas é um autor contemporâneo. Isso significa que, na contemporaneidade, a igreja já não é má como nos dois períodos citados acima, pois vemos, na idade média, um povo servil e aterrorizado. Contudo, mesmo que tenhamos uma religião “boa”, como vemos hoje nos moldes da teologia da libertação, estamos sempre abaixo de Deus, somos sempre seus servos, mesmo quando se diz hoje que Deus é o outro – sendo assim, servimos ao outro como se fosse Deus. Outro ponto importante é o sentimento de remorso e o egocentrismo humano. Até hoje, somos culpados pela perda do paraíso e da morte de Cristo, que nos anula inteiramente. A religião, por si mesma, é egocêntrica; falamos da relação entre o homem e Deus de forma particular: a salvação é sempre minha; para ser salvo sou capaz de praticar intolerâncias, terrorismo e atrocidades perversas.

O ateísmo de Sartre vai muito além de qualquer problema social e político, derivado da crença religiosa.

1.2.1 A negação de Deus

O homem reivindica a sua liberdade negando Deus; se o homem é livre, deve se distanciar de Deus. Orestes, personagem de *As Moscas*, representa o caminho que deve conduzir o homem à negação de Deus, isto é, Júpiter. Com efeito, Orestes afirma: “*não sou senhor, nem escravo, Júpiter. Sou a minha liberdade. Mal tu me criaste; deixei de te pertencer*”⁵.

Em Sartre, há uma contradição entre Deus e liberdade. Se afirmo a minha liberdade, recuso o transcendente. Depois, o homem deve seguir o seu caminho: a vida do homem começa para além do desespero, e este pode ser evitado aceitando sem restrições a angústia da própria gratuitidade existencial. O crente, nesse caso, está condenado ao desespero, pois só encontra o fundamento de sua existência em relação com o eterno. Hume diz que a crença em Deus surgiu, sobretudo, pelo medo. Mais do que medo, o homem se desespera diante do mundo e encontra consolo em Deus, que é pai. Para Sartre, a fé em Deus não prejudica o homem, pois, como já dissemos, podemos construir uma humanidade crente em Deus.

A ideia de que o homem só se realiza enquanto negação da divindade será retomada em *O diabo e o bom Deus*. Nessa obra, Sartre afirma que a existência de Deus e a do homem livre são, na realidade, desprovidas de qualquer relação concreta, isto é, para que o homem viva, é necessário que Deus desapareça. O homem é o indivíduo que deve escolher a si mesmo e, conseqüentemente, amar a humanidade em oposição ao amor de Deus. Antes de ser um ataque radical à religião, *O diabo e o bom Deus* reflete o aspecto da moral existencialista, que suprime os valores preestabelecidos num céu inteligível, e situa o Bem e o Mal como relativos.

Para Sartre, o Bem “*é o que se presta à liberdade humana, enquanto o mal, o que prejudica a liberdade humana*”⁶. Nesse contexto, Deus seria um mal para os homens?

1.2.2 A impossibilidade da existência de Deus

⁵ SARTRE. *As Moscas*. Lisboa: Editorial Presença, 1986; p. 165.

⁶ BEAUVOIR, op. Cit. P.546.

Em torno da noção de Deus, Sartre irá justificar a impossibilidade de sua existência em sua obra *O ser e o nada*. O homem possuidor de sua consciência, definido como para-si ou consciência de si próprio e captador das coisas exteriores, busca a consistência do ser-em-si, fechado em si mesmo sem consciência de sua existência. Deus seria como “*a impossível síntese do para si e do em si. Ora, a consciência existe somente na medida de consciência e captação do em si*”⁷. Por isso, o conceito de Deus é contraditório, pois é impossível existir, num mesmo ser, a plenitude como causa de si mesmo e a consciência de si como fundamento necessário de si mesmo – isto é, um ser que seria seu próprio fundamento, não enquanto nada, mas enquanto ser, e manteria em si a translucidez da consciência, ao mesmo tempo que a coincidência consigo mesmo do ser-em-si.

Ao falar sobre a realidade humana, Sartre faz uma crítica ao sistema cartesiano:

A realidade humana é perpétuo transcender para uma coincidência consigo mesmo que jamais se dá. Se o cogito tende para o ser, é porque, por sua própria aparição, ele se transcende rumo ao ser qualificando-se em seu ser como ser a qual falta, para ser o que é, a coincidência consigo mesmo. O cogito está indissolavelmente ligado ao ser. Em si, não como um pensamento ao seu objeto – o que tornaria o Em-si relativo, mas como falta para aquilo que defina sua falta. Neste sentido a segunda prova cartesiana é rigorosa: o ser imperfeito se transcende rumo ao ser perfeito; o ser que fundamenta apenas o seu nada se transcende rumo ao ser que fundamenta o seu ser. Mas o ser rumo ao qual se transcende a realidade humana não é um Deus Transcendente: acha-se em seu próprio âmago, trata-se de si própria enquanto totalidade⁸.

Ao tentar encontrar um método para que o conhecimento pudesse ser claro e distinto, Descartes vai além, e tenta fundar o infundável: a realidade humana. Em outra passagem do texto de Sartre, esse reflete sobre o cogito cartesiano: penso, logo sou. Sou o quê? O homem, para Sartre, é um para-si, ou seja, um projeto; mas é um projeto que quer

⁷ SARTRE, *O ser e o nada*.

⁸ IBID, p. 140.

ter uma essência divina, transcendente, para suprimir a sua falta. Porém, esse projeto é impossível, pois é contraditório; possuir a consciência de si mesmo e a fixidez do em-si.

Como resultado disso, entramos na tese de Feuerbach: o homem não suporta seu próprio vazio e procura realizar-se num ser absoluto. Bornheim diz: “*ser homem é propender a ser Deus; ou se preferirmos, o homem é fundamentalmente desejo de ser Deus*”⁹.

O homem tenta ser um objeto, um em si consciente; mas ele só consegue isso com o outro – o outro tem consciência da minha existência através do olhar. Deus é esse outro, que olha toda a humanidade dando-lha sentido. Mas se Deus é ausência radical, o projeto da humanidade em se fixar como objeto resulta em um fracasso incessante.

O homem que, conscientemente, analisa a existência, angustia-se e desespera-se diante de tamanha gratuidade. Com isso, o homem tem dois caminhos: crer em Deus, pois não suporta essa gratuidade; ou acolhe a sua condição e projeta-se no mundo como ser livre e senhor de si.

1.3 O olhar de Deus

A ética revela os fundamentos do agir humano: que devo fazer? Como vimos anteriormente, o homem é um ser solitário, senhor de si, por isso mesmo não encontra nenhum fundamento para a sua ação.

A contingência faz do homem um ser solitário, que conta somente com a sua subjetividade para agir. É pura ilusão acreditar que a vida humana possui um sentido dado por Deus. A única coisa que a vida oferece ao homem é sua própria liberdade, pois já que a vida não possui um significado pré-estabelecido, só podemos contar com a nossa solidão, nossa absoluta individualidade. Diz Sartre: “*a ausência de Deus era visível em todos os lugares. As coisas estavam sós, sobretudo o homem estava só. Estava só como um absoluto*”¹⁰.

⁹ BORNHEIM. *Sartre*. São Paulo: perspectiva, p.307.

¹⁰ BEAUVOIR. *Op. Cit.*, p. 591.

O olhar de Deus é uma projeção dos atos humanos. Os nossos atos como sendo nossos, sem fundamento, trazem-nos insegurança; somos seguros diante do olhar de Deus. Porém, no livro *As palavras*, Sartre diz que, no olhar de Deus, temos um valor transumano. Esse valor transumano é, na verdade, uma projeção até mesmo histórica daquilo que os homens aprovam ou não. Daí, temos duas teses:

1- a tranquilidade de sermos julgados por sabermos que nossos atos estão fundamentados sobre o olhar divino: se faço o mal é por afecção do diabo, se faço o bem é por graça divina; Deus está sempre nos protegendo, tira o peso da responsabilidade que recai sobre nós.

2- todos os valores são humanos, e não divinos: de maneira que há como que um olhar sobre a obra, e que é, no fundo, o olhar dos homens, um pouco multiplicado, um pouco modificado, ou seja, algo como Deus.

O olhar divino, além de não existir, traz uma problemática que Sartre já anuncia no ser e nada sobre o olhar; como algo que tira a nossa liberdade, faz-nos ser um em-si, um objeto. O mesmo vale para Deus: pessoas beatas que acreditam em Deus são meramente objetos dele. Diante do olhar de Deus, somos vistos, transparentes e transpassados. Deus tem uma função de nos transformar em coisa inerte e sem defesa diante de sua sentença que nos atravessa sem respeito.

1.4 Psicologia existencial

O existencialismo sartreano dá ao homem a condição de ser criador de si mesmo, senhor da sua história. O existencialismo impõe ao homem uma grande responsabilidade de construir a história – tendo em vista o bem, pois, não podemos negar que o homem quer o melhor para si. Ele é senhor de si, não espera nada além da sua realidade, e está totalmente desamparado. Lançado ao mundo sem perspectivas, o homem determina sua vida ao longo do tempo, e descobre-se como liberdade, ou seja, como escolha de seu próprio ser no mundo. Ao falar da condição do homem, Sartre relaciona-o com a angústia, desamparo e o desespero.

A) A angústia:

Heidegger chama de angústia a constatação de uma contradição existencial pela qual, no decorrer do processo existencial da vida, a liberdade de escolha diminui e, na morte, ela finalmente desaparece. Há, portanto, uma profunda angústia do homem diante do mundo. Para Sartre, isso é denominado náusea. A angústia, para Sartre, aparece na descoberta da escolha, na qual o homem escolhe o que quer, sem nenhum parâmetro estabelecido *a priori*. Essa angústia aumenta quando o homem conscientiza-se de sua responsabilidade, e essa responsabilidade é ainda maior quando ele percebe que não é apenas legislador de si mesmo, mas alguém que, ao mesmo tempo, escolhe a si mesmo e à humanidade inteira. Pois ele tem o constante dever de si perguntar: “o que aconteceria se todo mundo fizesse como nós?” Essa pergunta remete a um problema ético. Não existe um valor universal, porque o homem não encontra em si qualquer mandamento pré-escrito. O homem tende ao bem, mas, esse bem é construído pela humanidade, não por Deus.

B) O desamparo:

Ao falar de desamparo, Sartre quer simplesmente dizer que Deus não existe, e é necessário levar esse fato às últimas consequências. Desamparo significa que o homem não possui nada em que possa se segurar, nem dentro, nem fora dele; não existem bases para direcionar suas ações, a não ser sua liberdade e responsabilidade. Se estamos desamparados, somos nós mesmos que nos amparamos com as nossas ações.

Sendo assim, o desamparo e a angústia andam juntos: sem amparo, sou obrigado a escolher o meu ser, mas essa escolha nos remete à angústia.

C) O desespero:

No desamparo, encontramos a ausência de Deus; não temos onde assegurar nossas ações. No desespero, não espero nada de Deus. O que torna a nossa ação possível não é um milagre, mas a nossa própria vontade. Talvez seja esse conceito de vontade a porta de entrada para explicar por que os doentes se recuperam: não é por milagre, mas, por vontade de viver. No desamparo, fazemos nosso projeto sem Deus; no desespero, vemos

que esse projeto dará certo mediante nossa força, sem nenhuma intervenção transcendente: “o homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais que sua vida”¹¹.

O que é, pois, o homem? O ser humano é projeto, liberdade, responsabilidade e existência. Diante disso, a situação de angústia, desamparo e desespero são constantes e inerentes à vida do homem. Resta saber como o homem trabalha essa questão psicológica.

2 CONCLUSÃO

“O homem é a medida de todas as coisas” – essa frase de Protágoras nos revela a ideia de que o mundo é aquilo que o homem faz. Logicamente que o subjetivismo de Protágoras é, acima de tudo, sobre o conhecimento. Em Sartre, a vida humana é pautada pelo “nada”; sendo assim, o homem é a medida de todas as coisas – é, sem nenhuma essência definida que poderia constituir seu ser, pois, o essencial é o contingente, aquilo que pode ser determinado de diversas formas e maneiras.

Disso decorre a gênese do ateísmo sartreano, que é, na verdade, um humanismo. Mas não é um humanismo qualquer, que tira a ideia de Deus e coloca o homem. É um humanismo que coloca o homem do jeito que ele é.

Sartre não se preocupa em dizer sobre a não existência de Deus em sua obra “O ser e o nada”, pois, como ele mesmo diz, a não existência de Deus é intuída. Sartre abandonou a fé por volta de 11 á 12 anos de idade, sem possuir ainda ideias filosóficas e científicas. Muitos autores da metacrítica da religião sustentam a ideia de que a ciência deu lugar à religião, mas como, se Sartre constata a morte de Deus ainda novo? Em outras obras, Sartre procura Deus e não o encontra; vê apenas projetos humanos a serem construídos pela própria “mão” humana. A religião não é apenas uma forma de ignorância diante da falta da ciência, mas é um resultado da psicologia existencial. Por isso mesmo que, ainda hoje, a religião se revigora – principalmente após a 2ª Guerra Mundial, muitos disseram que somente um Deus pode nos salvar.

¹¹ IBID, p. 13.

Diz Sartre: *“eu tinha necessidade de Deus, ele me foi dado, eu o recebi sem compreender o que procurava. Por não deitar raiz em meu coração, vegetou em mim algum tempo, depois morreu”* (SARTRE. *As Palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1984, p.75). Sartre, na “Crítica da Razão Dialética”, não nega a influência histórica sobre a vida humana, pois a história é também construída pela humanidade. A religião é transmitida pela história cultural de uma sociedade, mas, como diz Sartre, descobre que o cristianismo não se baseia na fé, mas na questão social. A religião surge como consequência das três estruturas psicológicas do homem, e ganha vida na sociedade. Porém, se não encontra raízes, ela se desfaz como uma planta. Na obra “O Existencialismo é um Humanismo”, Sartre descreve a vocação de um jovem que pretende ser padre; não é por chamado divino, mas são as estruturas presentes no meio onde ele vive que favorecem essa vontade de ser padre – geralmente, por influência da família. Hoje, a filosofia da mente, principalmente com Dawkins, revela a religião como um vírus que se reproduz, um meme que, assim como um gene, constitui o homem. Mas esse vírus pode ser combatido e não mais sobreviver.

Contextualizando essa ideia à filosofia de Sartre, percebemos que, segundo ele, esse “vírus” só existe quando pensamos nele; no dia a dia, sentimos Deus quando pensamos na morte, nas escolhas da nossa vida. Mas não olhamos para Deus; é ele quem nos olha – somos violentados por esse olhar. Uma experiência perpétua de sermos objetos, porque temos a existência de outrem na dimensão original, presente também na condição de solidão. Esse olhar de Deus é uma condição moral, do como devemos agir. De uma teologia mística, passamos para um Deus moral e, por último, social, que nos revela enfim a artificialidade da crença em Deus.

Contudo, mesmo negando a existência de Deus, temos a sensação de um moralismo absoluto e a sensação de sermos criaturas. Não é fácil deixar de acreditar em Deus. Sartre não escandaliza o público com a declaração da impossibilidade da existência de Deus, mas proclama um caminho difícil de percorrer. Sempre pensamos e buscamos o absoluto como fuga de nossas questões existenciais. O mundo não é fácil, o desespero extremo pode nos levar ao suicídio, a não crença em Deus pode levar a humanidade à uma violência terrível; por tudo isso, a religião se encontra para além da contingência humana.

REFERÊNCIAS

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (os pensadores)

_____. *O diabo e o bom Deus*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1965.

_____. *As moscas*. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

_____. *As palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEAUVOIR, Simone de. *A cerimônia do adeus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BORNHEIM, Gerd A. *Metafísica e Existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

GAGNEBIN, Laurent. *La Foi, in Connâître Sartre*. Paris: Resma, 1972.